



Corporalidades e Redes de Significação: Trilhas para desvendar os processos comunicacionais do corpo¹

Nísia Martins do ROSÁRIO²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O presente artigo busca problematizar o corpo como objeto de pesquisa na comunicação, tendo em vista as suas potencialidades comunicacionais e a complexidade que pode alcançar o estudo das corporalidades. O objetivo pontual dessa abordagem é, entretanto, trazer ao debate dois conceitos, ainda incipientes e, portanto, em construção: corporalidades e redes de significação. Ambos estão vinculados à semiótica. A trilha proposta para essa abordagem não é a única, mas é bastante frutífera. Busca desenvolver a noção de corporalidades com base nas semioses e se apóia na constituição de redes de significação como caminho para se desvendar os processos comunicacionais do corpo.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica, comunicação, corporalidades, redes de significação.

Introdução

O corpo humano não tem se revelado como objeto de pesquisa em evidência na área da comunicação. Em outros períodos essa temática já foi mais abordada – talvez por modismo, talvez por relevância. Contudo, o que se pode ter certeza é de que esse não é um assunto esgotado para o campo.

Uma navegação no banco de teses da Capes permite constituir um panorama geral acerca das pesquisas sobre essa temática. Digitando-se as palavras-chave *comunicação* e *corpo* aparecem 248 teses (desde 1987), sendo que somente cerca de 40% são específicas do campo e a grande maioria foi realizada no PPG de Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Tendo em vista tratar-se de um período de 24 anos, uma das conclusões a que se pode chegar facilmente é que há poucas teses sobre corpo na área da comunicação. Outra consideração importante é que as pesquisas sobre o tema têm um ponto de origem predominante que é trilhado pela semiótica.

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação Social pela PUC/RS. Professora e pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro do grupo de pesquisa PROCESSOCOM da UNISINOS. E-mail: nisiamartins@gmail.com



Essa pesquisa exploratória permite notar, também, que corpo e comunicação assumem relevância em outras áreas de investigação como a saúde, a educação, a psicologia, a antropologia, a arte. Tais interesses fazem com que esses assuntos se tornem elementos de interdisciplinaridade. Além disso, numa primeira olhada sobre as temáticas, nota-se que são poucas as pesquisas do campo da comunicação que fazem o recorte do corpo sobre as mídias – o que não seria de se esperar, tendo em vista o midiacentrismo que rege as investigações na área de comunicação. Por outras palavras, há uma boa parcela de preocupação sobre as potencialidades do corpo no mundo extramidiático.

Entende-se que esse exame superficial suscita de imediato um questionamento sobre a abrangência do campo da comunicação e a relevância de pesquisas sobre o corpo. O objetivo pontual dessa abordagem não é, entretanto, responder tais inquietações, mas trazer ao debate dois conceitos, ainda incipientes, que vieram à tona durante a pesquisa que venho desenvolvendo: corporalidades e redes de significação. Ambos estão vinculados à semiótica. Nessa via, será necessário problematizar o corpo como objeto de pesquisa na comunicação, considerando suas potencialidades comunicacionais e semióticas. Trilha-se, portanto, pelos processos de semioses que se articulam com redes de significação como caminho para desvendar a complexidade que pode alcançar o estudo das corporalidades na comunicação. Já a macrointenção desse texto é trazer o corpo ao foco das reflexões em comunicação, recuperando-o como objeto privilegiado no campo e produtor de sentidos, averiguando as suas potencialidades comunicacionais.

Corporalidades

As pesquisas sobre corpo podem seguir muitos caminhos no campo da comunicação. Na atual realidade, contudo, é preciso considerar a grande predominância de temáticas relativas aos meios de comunicação de massa³ – as chamadas mídias- e até mesmo o fechamento do campo sobre esse segmento.

Entender a relevância do corpo como objeto de estudo da comunicação, num primeiro momento, não parece ser difícil, mas requer que se traga à tona aquilo que é efetivamente comunicacional nas corporalidades. De forma simples e direta se pode

³ Disponível em <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/viewFile/3260/3087>. Acessado em 03/07/2011.



responder que o propriamente comunicacional do corpo é a sua capacidade de gerar significação, produzir mensagens e promover trocas simbólicas, colocando em processo a criação e a semiose.

Nessa via, torna-se relevante tangenciar duas questões principais que necessitam de um posicionamento. A primeira delas diz respeito à abrangência do próprio campo e a segunda tem relação com a problematização necessária do conceito de corpo que tem permeado o âmbito da comunicação.

Uma das perspectivas sobre a abrangência do campo da comunicação que alcança algum consenso é aquela que se centra sobre os meios de massa. Esse enfoque, contudo, é bastante limitador, apesar da sua relevância. À medida que a comunicação restringe a relevância de seus estudos, funções e conceitos a esse espaço – complexo por natureza, sem dúvida –, ela tende a constituir-se num sub-campo: o das mídias. Considere-se aqui que, apesar de todas as discussões acadêmicas sobre o conceito de mídia, a tendência predominante é tratá-la centrada nos meios de comunicação de massa. Desde a modernidade não é possível desconsiderar a sua importância para a comunicação humana, contudo o desprezo pela comunicação extramidiática não apenas circunscreve o campo, como também reforça o poder dos meios de massa e coíbe possíveis linhas de fuga desse domínio.

Hillis (2004) retoma duas interpretações contrastantes acerca da comunicação apontadas por Carey – a comunicação como transmissão de informação pelo espaço; a comunicação como ritual e manutenção da sociedade no tempo – para observar que elas não estão em dimensões opostas. Para Hillis (2004, p.108), as tecnologias da comunicação, sobretudo as mais atuais, trazem potencialmente as duas perspectivas, configurando-se como um ritual de transmissão. “Os ambientes virtuais aproximam esses dois significados de comunicação e sugerem (...) que o ato de transmissão em si se torna um lugar *ersatz*⁴ e constitui uma ação ou desempenho ritual”. Essas colocações permitem entender que mesmo quando se trata de meios de massa o entendimento de comunicação não pode se constituir mais como, “ou...ou”, mas, sempre que possível como, “e...e”. Assim, a posição preliminar assumida nesse artigo é de que o campo da comunicação se configura no espaço e no tempo, na transmissão e no ritual, no midiático e no extramidiático.

⁴ Substituto que se caracteriza pela qualidade inferior.



A semiótica auxilia a pensar o objeto da comunicação na sua relação como os processos de significação e não na sua relação com as mediações técnico-materiais dos meios de massa. Os estudos de Baitello Júnior (2005, 2010) retomam as tratativas de Harry Prost sobre mídias primárias, secundárias e terciárias⁵ que desconstruem o termo mídia na sua relação estrita com os meios de massa, expandindo seu conceito. Prost coloca o corpo como primeiro suporte dos textos culturais e dos processos comunicativos. É o que ele chama de mídia primária. Baitello Júnior (2005, p. 8) observa que essa opção propõe a “ampliação dos limites de abrangência do campo da comunicação”. Para Prost o corpo sempre é partícipe do processo comunicativo, independentemente da complexidade da mediação. Assim, consolida-se um espaço de investigação e relevância para a comunicação interpessoal, gestual, olfativa, oral, gustativa.

Tal ampliação do conceito de mídia oferece um notável desafio para os estudos da comunicação humana hoje, deslocando este campo do saber para um novo patamar, mais complexo, exigindo a inclusão de fatores bioetológicos tanto quanto psicoantropológicos, ao lado dos indispensáveis componentes sociopolíticos e econômicos (BAITELLO JÚNIOR, 2010, p.63).

Não se pode negar que o entendimento da noção de corpo na comunicação está ligada à noção de abrangência do campo. A primeira vista, tal conceito pode apresentar uma série de limitações pelo fato de se considerar apenas a materialidade física e até mesmo aparente. Assim, o corpo seria entendido apenas como objeto mediador.

O ponto de vista que restringe o corpo comunicacional ao físico tem parte de sua *episteme* ligada a um conceito de corporificação vinculado ao entendimento modernista, à organização dual da sociedade, capaz de criar classificações de forma binária, assimétrica e polarizada. A semiótica da cultura, através de Bystrina (1995), explica essa estrutura básica dos códigos terciários organizada pela dualidade, baseada na observação do mundo físico como primeira realidade e em consonância com códigos também binários, estruturados a partir de oposições, a começar pela *vida e morte*. Assim, surgiram oposições binárias básicas como saúde/doença, direita/esquerda consolidando ainda espírito/matéria, mente/físico. Tais dualidades operam sobre a assimetria, sendo o pólo negativo sentido sempre como o mais forte. Isso determina receios em relação ao pólo negativo: a morte, a doença, a esquerda, o físico. O físico foi

⁵ Baitello Júnior (2005) explica as mídias secundárias como aquelas que permitem usar objetos fora do próprio corpo para a comunicação (suportes materiais não eletrônicos); já as mídias terciárias surgem com o advento da eletricidade e se compõem, portanto, de meios eletroeletrônicos



diretamente associado ao corpo e sempre foi relegado em favor da mente e, portanto, considerado menos importante. Tal forma de organizar o mundo dominou o pensamento e o desenvolvimento da nossa cultura.

A contribuição maior da semiótica da cultura, entretanto, não é explicar essa forma de funcionamento dos códigos terciários, mas a solução simbólica criada para superar as assimetrias. A superação das binariedades, segundo Bystrina (1995), pode se dar de várias formas: a identificação dos pólos, as oposições pluriarticuladas, a inversão de pólos opostos, união dos pólos por elementos intermediários. É nesse âmbito que parece se encontrar um caminho para construir um conhecimento comunicacional-cultural do corpo que não o restrinja ao entendimento construído sobre o pólo negativo do físico. Pelo ponto de vista da articulação dual, o corpo operaria apenas como um mediador da mente ou da alma para com o mundo; já pela perspectiva da superação das polaridades, os pólos mente/corpo, alma/físico entram em inter-relação, ou se constituem em pluriarticulações. Isso significa dizer que a comunicação corporal tem que se dar em inter-relação de cérebro e alma, em pluriarticulações de elementos.

Hillis (2004, p. 222) observa que os corpos humanos são um intrigante suporte para a teoria:

Eles abarcam a dicotomia erigida entre natureza e cultura, sendo que seus espaços tanto são influenciados pelas relações sociais quanto influencia as formas que essas relações sociais podem assumir. É de causar perplexidade até que ponto os teóricos têm relutado em olhar para nossos corpos como meios poderosos de oposição ao poder preponderante liberado pela dicotomia natureza-cultura.

Na mesma via defendida pelo autor acerca da comunicação, o corpo não deve ser entendido apenas como espaço, reduzido economicamente a um sitio, deve ser considerado nas suas particularidades e pluralidades, em seus rituais. Assim, o corpo que interessa ao autor não é aquele que se opõe a mente cartesiana, mas o que se compõe com ela e busca a utopia. Dessa forma, separar corpo e sujeito equivale a separar desejo e significado. À medida que esse corpo-sujeito utiliza a linguagem para se comunicar, afetar e ser afetado, detecta-se, na linguagem, o modo de transcender à existência e alcançar a humanidade relacional.

Essa percepção mais abrangente acerca do corpo, associada ao que já se estudou em outro momento sobre audiovisualidades e corpos eletrônicos (SILVA e ROSSINI, 2009), permite conceber as corporalidades como engendradoras de uma dimensão complexa, que alimenta e é alimentada por outras dimensões, constituindo interrelações



constantes de tensão e distensão. Assim, elas se configuram numa esfera de virtualidade (BERGSON, 2006) que potencializa estéticas, discursos e devires de cultura de diversas ordens. Dessa maneira, busca atualizações em rituais, interações sociais, vivências cotidianas, bem como em espaços mediados tecnologicamente. Em acréscimo, esse conceito tem potencial para se vincular aos processos de significação, considerando seu diversos espaços/tempos e organizações discursivas.

Nessa via, a duração se conecta com a virtualidade e essa com a subjetividade, enquanto que o objeto se atrela à matéria e a atualização. Se é possível afirmar que atualizar é agir, em certa medida, é admissível dizer que atualizar é materializar. Aplicando as noções de virtual e de atual às corporalidades poderíamos afirmar que o virtual é o modo de ser do corpo, enquanto o atual é seu modo de agir. A partir da primeira noção pode-se, na duração do corpo, organizar sua memória e seus conceitos, ou seja, sua virtualidade; com base na segunda noção se pode vislumbrar seus modos de atualização, ou seja, os modos através dos quais ele age e se manifesta na comunicação.

Dessa forma, as corporalidades podem assumir variadas conformações discursivas e entende-se que suas dimensões de relevância se configurariam em três principais: estética, discursiva e cultural.

As abordagens consideradas relevantes para o conceito de corporalidades se constituem, também, ao serem atravessadas pela semiótica. Um dos aspectos mais importante parece surgir a partir da noção de semiose pela via peirceana, uma vez que, ao considerar a produção do interpretante e, conseqüentemente, a necessidade de um sujeito afetado pelo signo, permite uma aproximação do processo de comunicação. Ao prever a constituição de uma cadeia de significação – um signo que leva a outro signo – a semiose também está antecipando a impossibilidade do emissor ter controle sobre essa série de eventos interpretantes. Assim sendo, é admissível afirmar que, mesmo que se consiga organizar e sistematizar linguagens, não é possível controlar os resultados dos discursos.

Aceitar a percepção e a interpretação como parte do signo implica em não levar em conta apenas as linguagens e os discursos, mas elementos como contexto, cultura, códigos, arcabouço semântico, competências interpretativas. Ao inserir a mente interpretante na semiose, está-se, automaticamente, colocando no processo um sujeito que interpreta. Isso implica admitir a complexidade da semiose ligada à multiplicidade de desdobramentos oferecidos por ela, bem como as imprevisibilidades no desencadeamento do processo e as transgressões possíveis.



Redes de significação

A complexidade atingida pelo conceito de corpo aqui desenvolvido leva a que se reflita, igualmente, sobre os modos pelos quais a comunicação pode tratá-lo. Um dos caminhos apontados é o da teoria da mídia de Harry Pross em que o corpo se compõe como mídia primária. Contudo, ele não para de ser objeto de estudo da comunicação quando entra na dimensão das mídias secundárias e terciárias, precisa ser pensado em seus processos de semiose nesses diversos âmbitos. Dessa forma, os sentidos do corpo vão se compondo tanto na comunicação interpessoal quanto naquela que é mediada pela técnica e pela tecnologia.

Para Lotman (1999, p.41): “o espaço semiótico aparece como uma intersecção em vários níveis de vários textos, que unidos vão formar um determinado estrato, com complexas correlações internas, diferentes graus de tradutibilidade e espaços de intradutibilidade”. Nessa via, é necessário apreender as corporalidades nessas redes de composição de significados que vão se atualizando no cotidiano, nos meios técnicos, na cultura. São as criações e composições simbólicas sobre as corporalidades que passam a interessar à comunicação e são os códigos terciários que compõem os pontos de encontro, os platôs dessas redes de significação.

Há algum tempo se entendia que o melhor conceito para configurar o estudo das corporalidades na comunicação era o de rede discursiva, que não é uma noção nova, usada não apenas na comunicação, mas também na pedagogia, na psicologia, entre outras. A maioria das noções sobre rede discursiva, entretanto, estão fortemente vinculadas a Foucault (1979, 1987) e a seu conceito de formação discursiva; ao mesmo tempo, sempre ligadas ao processo de significação, de semiose. Há elementos valorosos na abordagem de Foucault que se prestam bastante para construir o conceito de redes de significação, os quais serão abordados a seguir.

A formação discursiva, conforme Foucault (1987) se constitui numa “massa enigmática” constituída pelos enunciados de um determinado campo e pelas relações que se estabelecem entre eles. Para os interesses do presente debate o campo discursivo sobre o qual se enuncia o corpo assume a abrangência tanto do verbal quanto do não verbal e tem características, portanto, dessa massa enigmática.

De acordo com Foucault (1979), existem duas ordens de práticas empíricas que recobrem a realidade, cada uma com seu modo de organização: as discursivas e as não



discursivas ou a *dizibilidade* e a *visibilidade*. A primeira está focada no uso de signos, com vistas a toda e qualquer atividade envolvida com a expressão, criando modos de falar e fazer falar. As práticas discursivas, assim, estariam vinculadas às leis, aos códigos, aos enunciados estabelecidos pelas convenções institucionalizadas ou informais. O segundo conjunto de práticas, as não discursivas, afeta diretamente o corpo e as coisas, configurando-se num plano de ações mudas, que o autor chama de visibilidades e que criam modos de ver e de fazer ver. Assim, colocam-se de um lado, as ações vinculadas às enunciações e, de outro, as ações mudas. Os dois planos são autônomos, mas se constituem numa relação de reciprocidade, contudo não se organizam em categorias claras ou em conceitos de contornos definidos, abrigam a dispersão e as divergências. O jogo realizado entre essas duas ordens de práticas empíricas gera os valores do signo. Numa perspectiva mais votada a semiótica, entretanto, pode-se considerar maior abrangência do conceito de discurso, englobando tanto as *dizibilidades*, quanto as *visibilidades* de Foucault.

A noção de rede discursiva ou semiose em rede permite entender como um enunciado é construído a partir do encadeamento de múltiplos discursos. Ou seja, um enunciado se relaciona também com enunciados anteriormente produzidos. O discurso nunca é único e fechado, mas se constitui nessa rede. Talvez a melhor forma de nomear a rede discursiva fosse como rizoma (DELEUZE e GUATTARI, 1995)⁶. A metáfora da rede foi incorporada em função das múltiplas articulações que nela se formam e da complexidade que a constitui. A idéia de rizoma, porém, é mais aberta, não se configura pela ordenação de linhas retas e contínuas, de estabilidade, de equilíbrio ininterrupto e de harmonia constante. O rizoma se compõe de segmentaridades, diversidades, estratos, imprevistos, linhas de fuga, territorializações, desterritorializações, bem como de trajetos em várias direções que podem se atravessar, se cruzar, se interligar e se aglomerar.

Assim, pode-se pensar que cadeias semióticas de *dizibilidades* e *visibilidades* sobre o corpo, compostas em segmentaridade, diversidade, imprevistos, tensões formam um desenho rizomático das significações. As tecituras de significações vão se formando, assim, não apenas a partir do texto em si, mas também nas conexões entre os textos, os contextos, a cultura, o cotidiano, entre outros. Esse viés encaminha, também,

⁶ O rizoma na obra de Deleuze e Guattari (1995) serve como uma metáfora para que o pensamento não seja paralisado por um modelo hierarquizado como a de uma árvore (raiz/caule/folhas), mas múltiplo como o de um rizoma que faz o pensamento proliferar.



para que se refletia sobre os percursos da significação, considerando sempre os deslizamentos, levando em conta a complexidade discursiva na configuração da semiose. Nessa via, a denominação de rede discursiva é reconfigurada aqui, adotando-se redes de significação.

Para compor essas redes, num primeiro momento, a comunicação se estabelece a partir de semioses mais previsíveis, mais comuns a determinado grupo. Assim sendo, os participantes dos processos comunicativos sentem-se mais aptos para limitar as possibilidades de distorções de sentidos e organizar as diferenças. As redes de significação das corporalidades se articulam a partir de enunciados do corpo e sobre o corpo, engendrando recursos expressivos que organizam e legitimam um tipo predominante de atualização que é consensualmente aceita, revirtualizando, na maioria das vezes, esse modo de agir num modo de ser. Nessa via, criam efeitos de sentidos sobre os corpos adequados às competências da dimensão estética, discursiva e cultural.

É justamente essa busca pela produção de textos baseados nos signos de consenso que faz com que os textos se situem numa linha de tensão entre o sentido dado, o sentido constituído e o sentido esvaziado. Esse último é aquele, em geral, é excluído das redes discursivas hegemônicas. Mas, não se pode esquecer que as redes de significação não podem ser controladas nos caminhos que assumem e, por essa via, configuram tensões, linhas de fugas e desterritorializações de sentidos.

Com base em debate feito por Rossetti-Ferreira *et al.* (2008), a rede de significação constitui uma malha de elementos de natureza semiótica, a qual as pessoas estão submetidas, mas igualmente a constituem ativamente, contribuindo para a configuração das fronteiras dos percursos possíveis. Essa articulação/circunscrição é compreendida pelas autoras, no entanto, como se alterando continuamente, em função do tempo e dos eventos, compondo novas configurações e novos percursos possíveis, sobretudo em função da polissemia. Nas redes de significação, portanto, ocorrem as intersecções, as tensões, as lutas na constituição de semioses com orientações contraditórias.

Entender o corpo na comunicação articulado a uma rede de significações implica em compreendê-lo desvinculado de um único meio de comunicação e/ou de um tipo de produto comunicacional. Demanda apreendê-lo na sua complexidade comunicativa e na formação rizomática que compõe o processo de semiose.

Por fim, as considerações sobre redes de significação podem ser enriquecidas com o conceito de *explosão* de Lotman (1999). A partir do estudo da semiosfera e de



seu fundamento de heterogeneidade, o autor vislumbra as intersecções dos espaços de sentido e a impossibilidade de representá-las, já que se constituem como uma massa de sentidos cujos limites e formação se engendram na multiplicidade de usos.

É nesse espaço semiótico que se pode detectar a composição das redes de significação e nas intersecções dessas que se organizam os sentidos. Se a rede de significação se constitui num processo dinâmico, é preciso considerar que o mesmo acontece com a formação dos sentidos, está sempre em movimento, percorrendo trilhas caóticas, provocando movimentos de encontros, promovendo choques. Enquanto algumas estruturas de instauração de sentidos vão envelhecendo, novas vão sendo introduzidas e seus usos passam a ser aceitos. Contudo, o processo de formação desses sentidos gera uma explosão imprevisível que transforma o incompatível em adequado, o intraduzível em traduzível.

O conceito de explosão está, pois, articulado sobre um eixo temporal, e não espacial, mas também se configura pelo seu constante intercâmbio com esferas extrasemióticas e pela sua capacidade de recriação. Segundo Lotman (1999, p.160) “esse movimento perpétuo não pode se esgotar: não obedece as leis da entropia, visto que constantemente reconstitui sua heterogeneidade, alimentada pela clausura do sistema” e, nessa via, as fontes de heterogeneidade se transformam em geradoras de caos. A cada vez que se chocam na semiosfera, os sistemas semióticos dão prova da sua capacidade de sobrevivência e de tornar-se outro.

Para o autor os espaços semióticos estão atravessados por fragmentos de várias estruturas, alguns deles, caindo em espaços estranhos, podem, de improviso, reconstituir-se impetuosamente. Assim, o momento da explosão é o momento da imprevisibilidade, mas cada um deles tem seu conjunto de possibilidades para passar ao estado seguinte, contudo nem todas se realizam. O movimento da explosão separa essas possibilidades, aparta os espaços de sentidos, fazendo com que se enriqueça continuamente o complexo geral das distinções de sentidos, assumindo sempre novos matizes. É no movimento da explosão, portanto, que se configuram as atualizações das redes de significação do corpo na comunicação que merecem ser estudadas.

Considerações finais

Comunicação e corpo adquirem, nesse artigo, uma abrangência maior em relação aos modos hegemônicos de tratá-los no campo da própria comunicação. Assim, tais



temáticas assumem diversas potencialidades na forma de serem tratadas academicamente e nas perspectivas das investigações científicas.

Construir um conceito de corporalidades tem por meta, sobretudo, encontrar os espaços-tempos de suas atualizações que possam, de alguma, forma contribuir para encontrar os indícios, traços, marcas, dobras que permitem algumas inferências acerca da sua virtualização (LÉVY, 1997).

É preciso lembrar que, como produtor de sentidos, o corpo se articula no âmbito da complexidade. Quando passa a ser objeto da comunicação, atravessa mídias primárias, secundárias e terciárias, comunica e gera semiose em todos os níveis e vai compondo suas redes de significação através deles. Por outras palavras, o corpo que comunica e gera semiose não pode ser considerado apenas aquele que se constitui no espaço restrito dos meios de massa. Ao que parece, entendê-lo como objeto da comunicação requer que suas significações se componham na confluência de vários textos e discursos, na composição rizomática de uma rede.

A partir desse ponto de vista é possível organizar o conceito de redes de significação na composição de um processo dinâmico, portanto, sempre em movimento, de interação entre diversos discursos, textos e contextos. A semiose das corporalidades se realiza nessa tecitura que vai se formando enquanto os textos circulam e os discursos geram interpretantes. A ação empírica que se realiza nessa rede de significação do corpo ajuda a organizar o universo semiótico no qual estamos inseridos, a semiosfera abordada por Lotman (1999).

REFERÊNCIAS

- BERGSON. Henri. **O pensamento e o movente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BYSTRINA, Ivan. **Tópicos em semiótica da cultura**. São Paulo: CISC/PUCSP, pré-print, 1995.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- _____. **A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma teoria da mídia**. São Paulo: Paulus, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. V. 1.



FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

HILLIS, Ken. **Sensações digitais: espaço, identidade e corporificações na realidade virtual**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. São Paulo: Editora 34, 1997.

LOTMAN, Yuri M. **Cultura e explosão**. Barcelona: Gedisa, 1999.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde *et al.* **Desafios metodológicos na perspectiva da rede de significações**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v38n133/a07v38n133.pdf>>. Acessado em 05/07/2011. Acessado em 01/07/2011.

SILVA, Alexandre Rocha; ROSSINI, Miriam de Souza. **Do audiovisual às audiovisualidades – convergência e dispersão nas mídias**. Porto Alegre: Asterisco, 2009.

TEDESCO, Silvia. *As práticas do dizer e os processos de subjetivação*. Disponível em <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/view/7694/5486>>. Acesso em: 05 jul. 2011.